

O essencialismo de Karl Marx (1844 -1846)

Gedeão Mendonça de Moura¹

Resumo: Pretendo, neste texto, fazer uma rápida observação crítica sobre o conceito de essência humana (*menschliche Wesen*) e sua indissociável relação com a questão da alienação (*Entfremdung/Enttäusserung*) a partir de alguns trechos das seguintes obras de juventude de Karl Marx: *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844), *As Teses sobre Feuerbach* (1845) e *A Ideologia Alemã* (1845-1846). Diante disso, as questões que pretendo enfrentar são as seguintes: Por que Marx, enquanto materialista prático que pretende se distanciar de toda e qualquer concepção do mundo que tenha por base a especulação pura e a metafísica, como ele anuncia em importantes passagens de *A Ideologia Alemã*, faz uso recorrente do conceito de essência humana? A apropriação desse conceito pelo fundador de uma original teoria materialista da história, não gera uma espécie de contradição no interior dessa teoria que pretende ser anti-idealista, antimetafísica e pós-hegeliana? É possível pensar o estatuto do materialismo de Marx sem levar em consideração o seu compromisso com o conceito de essência humana como fundamento da sua noção de sociabilidade?

Palavras-chave: trabalho. essência. alienação. materialismo.

Nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, Marx parte do trabalho como a realidade primeira e atividade vital do homem². O trabalho assim – embora também seja isso – não se constitui apenas como um meio para o suprimento das necessidades dos homens. O trabalho é a atividade mediante a qual o homem tem de se afirmar enquanto homem, afinal é o trabalho o traço elementar que faz do homem não apenas um ser natural, mas, sobretudo, um ser natural humano. Sendo assim, o trabalho não pode se manifestar como um fardo para o homem, como é o caso do trabalho alienado que foi instaurado, de forma mais radicalizada, com o advento da modernidade em sua feição capitalista. Assim, o trabalho tem de se constituir como um fim em si mesmo.

Na forma de sociabilidade capitalista, então, o homem, para Marx, não é de certo modo homem, porque a atividade através da qual ele vem a ser homem, e não apenas um animal como outro qualquer, se

1. Doutorando em filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista FAPESB.

2. “No modo (*Art*) da atividade vital encontra-se o caráter inteiro de uma species, seu caráter genérico, e a atividade consciente e livre é o caráter genérico do homem” (MARX, 2009, p. 84).

transformou na própria negação da sua humanidade. E é justamente a humanidade do homem que precisa ser resgatada, mas para isso a alienação tem de ser superada, uma vez realizada a revolução comunista. Pois não é o trabalho, na qualidade de atividade universal³, que nega o homem, mas o trabalho em seu aspecto particular de manifestação em um modo de produzir específico. Isto é, o trabalho alienado é uma forma contingente de manifestação da atividade vital do homem, dessa forma essa atividade não está condenada a se manifestar para o todo e sempre dessa maneira.

Como atividade primeira e vital, o homem, para Marx, pode ser definido pelo trabalho⁴. Desse modo, é possível dizer que o trabalho é a própria essência do homem.⁵ Mas se trata de uma essência que ainda não está realizada, pois ela se encontra negada pelo modo como são engendradas as relações sociais sob a égide do capital. Pode-se dizer que o homem só a possui potencialmente;⁶ a sua atualização é a missão da classe trabalhadora, que não sendo, *stricto sensu*, uma classe é a própria condição de possibilidade, assim, para a dissolução da sociedade de classes e a instauração de uma forma de sociabilidade cuja tarefa principal será o estabelecimento da harmonia entre essência e existência.⁷ Ou seja, o homem, enfim, será realmente aquilo que faz, já que da sua atividade vital estará excluída toda forma de alienação.

O trabalho, assim, em seu aspecto universal, é atividade eminentemente positiva. Através dessa atividade, o homem externaliza, em for-

3. Universal: que prescinde de qualquer forma de produzir específica, atividade primeira, fundamental.

4. “Quando se fala do trabalho, está-se tratando, imediatamente, do próprio homem” (MARX, 2009, p. 89).

5. “Quando tentamos apreender seu conteúdo e saber em que consiste propriamente a essência, natureza ou verdadeira realidade humana, vemos que Marx a encontra no trabalho” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2007, p. 401).

6. Segundo Mészáros, o “ser humano existe”, “para Marx”, “como realidade [o ‘homem-mercadoria’ alienado] e como *potencialidade* [o que Marx chama de ‘o rico ser humano’]” (MÉSZÁROS, 1981, p. 146).

7. O “proletariado” é “uma força histórica que se transcende a si mesma e que não pode deixar de superar a *alienação*”, e essa superação não é outra coisa senão “a reapropriação da essência humana” (MÉSZÁROS, 1981, p. 62).

ma de produtos⁸, a sua própria subjetividade e cria toda uma realidade, composta por aquilo que se pode denominar de atividade humana sensível. Assim, o real, em muitos dos seus aspectos, é criação do homem porque é produto do seu próprio trabalho. Talvez tenha sido em vista de toda essa importância que Marx elegeu o trabalho como a essência do homem, essência essa que necessita de uma mudança radical no atual estado de coisas para que possa alcançar a sua realização plena.

Penso, no entanto, que reconhecer a importância do trabalho para a existência humana e, com efeito, para a constituição do real/social, não quer dizer que ele venha a ser algo como que a essência do homem. Assim, talvez, seja importante chamar a atenção para o seguinte: uma coisa é o trabalho como a essência do homem, isto é, enquanto uma atividade por meio da qual o homem deve necessariamente se realizar; outra coisa é o trabalho apenas como simples necessidade natural/social, isto é, enquanto atividade da qual o homem não pode escapar porque disso depende a sua própria existência. E reconhecer essa condição não leva, necessariamente, à conclusão de que o trabalho seja fonte de satisfação e realização de si. Assim, nada garante, eventualmente, que mesmo que o trabalho seja um dia desalienado, ele passe a se constituir como uma fonte de prazer, de autoafirmação e realização do homem. O fato de o trabalho ser, portanto, uma atividade vital, genérica e universal, não me autoriza afirmar que essa atividade seja, necessariamente, uma atividade de autossatisfação. Ou seja, enquanto necessidade natural/social, e mesmo superado o modo como ele é levado a cabo na forma de sociabilidade atual, o trabalho talvez continue sendo apenas um modo de atividade que o homem sempre terá de realizar, e não uma atividade através da qual ele esteja realizando sua suposta essência.

8. Nada pode mostrar com mais precisão o essencialismo de Marx do que a seguinte frase, escrita quando comentava o livro de James Mill intitulado *Elementos de Economia Política*: “Our products would be so many mirrors in which we saw reflected our essential nature” (MARX, 1975, p. 228).

Marx parece não ter atentado para isso quando procurou definir o homem dizendo que a sua essência é o trabalho. E isso parece ter uma razão de ser, uma vez que o seu conceito de homem, em parte, carece de historicidade, não no que diz respeito certamente ao passado, mas quando se trata do futuro do homem. Pois não parece problemático, levando em consideração a ideia de historicidade, definir o homem. O problema consiste em defini-lo de modo não só universal, mas, sobretudo, a-histórico. Desse modo, não há problema em dizer que o homem é o conjunto das relações sociais⁹, mais precisamente, que o homem é um ser social. O problema está em estabelecer esse conceito para o todo e sempre, isto é, um conceito que não só vale para as épocas passadas, mas valerá igualmente para as épocas vindouras. Logo, não é possível dizer que tal noção de essência possa ser histórica em sua totalidade, já que ela acaba sendo estabelecida também para uma época que ainda não é. Além disso, a expressão “essência histórica”¹⁰ parece uma contradição nos termos.

Vejamos. Se a essência humana muda ao mudar a história, que sentido faz falar em essência? Pois sendo a essência o traço distinto de um ser, essa essência não pode mudar, sob pena de se estar falando já de um outro ser. O ser deixa de ser aquilo que é então. Não parece ser apropriado dizer que há uma essência histórica, isso parece soar como uma contradição, como uma incoerência, e carece, assim, de sentido. Se ela (a essência) é histórica, ela tem de mudar constantemente, se ela muda constantemente, logo não pode ser dito de um ser (o homem) que ele tem, a rigor, uma essência¹¹. Se se quer definir o homem, o

9. “(...) a essência humana não é uma abstração intrínseca ao indivíduo isolado. Em sua realidade, ela é o conjunto das relações sociais” (MARX, 2007, p. 534).

10. Um dos comentadores de Marx que mais defende essa perspectiva é Adolfo Sánchez Vázquez (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2007, p. 403).

11. Trata-se aqui de uma essência que é, primeiramente, concebida a priori, cujo conteúdo já se encontra estabelecido e, portanto, é claramente explicitado pelo seu conceito, e não apenas de uma essência em potencial – embora seja isso também – que no percurso histórico terá efetivamente razão para se realizar, tornar-se ato.

conceito daí resultante sempre tem de ser contingente e, só assim, histórico; mas sem a pretensão de se chegar, jamais, a algo como a sua essência. No entanto, o conceito de homem¹² proposto por Marx carece desse cuidado, por isso é a-histórico, pois não só é estabelecido para todas as épocas passadas, como será confirmado ainda mais com o advento do futuro.

Essas questões aparecem não só nos Manuscritos Econômico-Filosóficos como em *A Ideologia Alemã*. Pode-se alegar que em *A Ideologia Alemã* essas questões são tratadas de forma mais materialista, empírica. Pode ser o caso realmente, porém a colocação de tais questões não deixa, por isso, de encerrar dificuldades. E talvez essas dificuldades apareçam ainda com mais força do que nos Manuscritos Econômico-Filosóficos, pois a concepção de mundo que Marx quer fundar em *A Ideologia Alemã* é uma concepção de mundo que se pode denominar de materialista¹³. Materialista porque quer se contrapor às concepções de mundo vigentes em sua época, concepções essas, em sua maioria, idealistas, fundadas em pressupostos não “terrenos”, ao contrário da que Marx pretende elaborar, já que ela estaria fundada em pressupostos materiais como os “indivíduos vivos” que constituem a “base real” da história da qual ele quer inaugurar seu conhecimento “científico”.¹⁴

Por isso, muitos autores pensam, equivocadamente, que em *A Ideologia Alemã* Marx abandona muitas das questões de cunho especulativo enfrentadas em trabalhos anteriores. Pois, segundo eles, nessa obra Marx elaboraria de forma bastante sólida a sua nova concepção de mundo de caráter abertamente materialista e de pretensões claramente científicas.

12. Isto é, o homem como ser social.

13. Segundo o próprio Engels, é nessa obra que Marx e ele fazem “uma exposição da concepção materialista da história” (ENGELS, 1974, pp. 16-17).

14. “Só conhecemos uma única ciência, a ciência da história” (MARX & ENGELS, 2007, p. 86). É essa ciência, então, que precisaria ser fundada.

Para Louis Althusser, *A Ideologia Alemã* representa um marco no pensamento de Marx. É nessa obra onde ocorre a famosa “cesura epistemológica” ou o “corte epistemológico”¹⁵ com muitas das questões que ocuparam Marx antes de 1845¹⁶.

A “cesura epistemológica” é o primeiro passo de Marx no caminho da ciência. E, nesse contexto, ciência aparece como o contrário de ideologia, ou seja, para fazer ciência é preciso deixar para trás toda questão de ordem especulativa e metafísica, pois só assim é possível fundar “a ciência da história ou o materialismo histórico”. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1980, p. 44) Uma questão de ordem especulativa e metafísica que não caberia no contexto da nova ciência que Marx pretende fundar é justamente a questão de uma essência humana. Diante disso, Althusser afirma que “A partir de 1845”, isto é, na época da elaboração de *A Ideologia Alemã* e da fundação da nova concepção de mundo, “Marx rompe radicalmente com toda teoria que funda a história e a política em uma essência do homem”. (ALTHUSSER, 1979, p. 200) No entanto, na análise que realizei dessa obra na minha Dissertação de mestrado, foi possível mostrar que Marx continua se debatendo com o conceito de essência humana e, talvez, propondo a verdadeira versão desse conceito.

Mas Althusser insiste que “Quanto à *Ideologia Alemã*, ela nos oferece um pensamento em estado de ruptura com o seu passado” (ALTHUSSER, 1979, p. 27), isto é, uma ruptura com o passado teórico recente do seu autor, em que ele se dedicava à discussão de questões ideológicas.

15. “Em primeiro lugar, não devemos perder de vista que o conceito de ‘corte epistemológico’ foi elaborado por Althusser para explicar a evolução do pensamento de Marx enquanto passagem de ideologia a ciência. O ‘corte’ estabelece aqui a ruptura com concepções ideológicas anteriores e a fundação de uma nova ciência” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1980, p. 43).

16. “Uma ‘cesura epistemológica’ intervém, sem nenhum equívoco, na obra de Marx, no ponto onde o próprio Marx a situa, numa obra não-publicada em vida do autor, e que constitui a crítica de sua antiga consciência filosófica (ideológica): *a Ideologia Alemã*” (ALTHUSSER, 1979, p. 23-4).

Como Althusser, Sánchez Vázquez também vê em *A Ideologia Alemã* o momento em que Marx abandonaria a sua noção de essência humana, ou pelo menos o formato como tal noção é elaborada nos Manuscritos Econômico-Filosóficos. Assim, nessa obra “O processo deixa de ser o desenvolvimento da essência humana”, em sua forma mais especulativa, isto é, em sua variante ligada a “concepção metafísica e especulativa tradicional”. Desse modo, “Com *A ideologia alemã*, Marx já pisa com firmeza o terreno da história real: nem essência humana indiferente à vida social e à história [...] nem essência humana como possibilidade que há de realizar-se histórica e socialmente” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2007, p. 404-405). Ao menos Sánchez Vázquez não nega que em *A Ideologia Alemã* aparece a noção de essência humana, ele apenas tenta afastá-la do conceito de essência humana mais ligado à metafísica. Não penso que se obtenha grande sucesso ao fazer isso, pois a noção de essência, por definição, não se desvincula tão facilmente da metafísica, mesmo que se atribua a essa noção historicidade, o que, como foi possível ver também, produz uma outra dificuldade teórica, já que parece que a ideia de uma “essência humana histórica” é uma contradição.

Teóricos como Giuseppe Bedeschi e Lucien Sève também defendem a ideia de que em *A Ideologia Alemã* Marx se afastaria consideravelmente de um conjunto de questões que pudessem envolver a especulação pura e a metafísica, pois o autor tenderia a se aproximar de fundamentos mais empíricos, rejeitaria pressupostos a priori, já que tentaria fundar uma concepção de mundo que se pode denominar não só de materialista, mas uma concepção que tem na ideia de prática sua base de sustentação. Isto é, é na prática que ela deve demonstrar a sua verdade, a natureza “citerior” (Diesseitigkeit) das proposições que a compõe.

No entanto, o que tenho procurado demonstrar é algo um pouco diferente disso. Embora Marx tente efetivamente em *A Ideologia Alemã*

fundar uma concepção de mundo que se mantenha afastada da especulação pura e da metafísica, que rejeita os pressupostos sobre os quais estão fundadas as concepções idealistas de mundo, que procure na “história real” os verdadeiros fundamentos empíricos que sustentem a sua teoria, o êxito dessa empreitada não parece ser completo. Pois penso que Marx, apesar disso, incorre em certos deslizos que pretende evitar. E isso diz respeito, dentre outras coisas, à natureza de sua própria teoria ou concepção de mundo. Pois sua teoria pretende não só dar conta de uma descrição mais acurada e empírica do real/social, mas procura, sobretudo, dar conta de previsões sobre o comportamento do real/social no futuro, isto é, procura prever, por exemplo, algo como uma profunda revolução que muda radicalmente o atual estado de coisas, de modo que o homem se torne homem em totalidade, deixe de ser homem apenas de forma parcial. Em uma palavra, sua teoria não só abrigaria uma noção de essência humana como preveria a sua realização num momento vindouro. E é com essa espécie de teoria, me parece, que Marx recai no terreno da especulação pura e da metafísica.

Essas questões não passaram despercebidas por alguns teóricos do marxismo. William H. Shaw, por exemplo, chama atenção para o fato de que,

Conquanto Marx e Engels pretendessem em *A Ideologia Alemã* derrubar todos os arcabouços a priori e voltar ao mundo material, concreto de indivíduos empíricos, o que pensavam estar fazendo parece ao observador contemporâneo ter-se distanciado do que realmente estavam fazendo. Em vez de serem capazes de abandonar todos os preconceitos em história, os dois iconoclastas alemães apenas propõem uma visão do mundo alternativa, que – não obstante os seus atrativos – é bem mais especulativa e menos empírica do que imaginavam. (SHAW, 1979, p. 151-152)

Enquanto José Crisóstomo de Souza, por sua vez, procura argumentar que “É diante disso”, isto é, diante da alegação de que Marx

em *A Ideologia Alemã* abandonaria a sua noção de essência humana ou homem genérico, “que alguns acham, erroneamente, que aqui Marx, como materialista mais acabado, faz uma defesa da realidade do indivíduo empírico, abandonando toda noção de ‘essência’ - genérica e filosófica - do homem”. (SOUZA, 1997, p. 7)¹⁷ O autor está pensando aqui, dentre outros, tais como Della Volpe e Schaff, certamente em Althusser, pois em outro lugar afirma que

Para Althusser a ruptura com o “homem” e a “essência” estaria expressa na afirmativa de que esta “não é um atributo dos homens tomados isoladamente”, mas “o conjunto das relações sociais”. Como entendemos, porém, tal proposição significa apenas que esta essência se encontra “hegelianamente” em devir, nas relações sociais. (SOUZA, 1993, p. 193)

É diante de observações como essas, que têm como base alguns trechos da própria *Ideologia Alemã*, que é possível sustentar a opinião de que nessa obra, embora essa não seja a intenção do autor, Marx não deixa de lado importantes questões de ordem especulativa e metafísica das quais tanto se esforça para se desvencilhar.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *A Favor de Marx*. Trad. Dirceu Lindoso. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

BEDESCHI, Giuseppe. *Marx*. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1989.

17. Por isso também, nessa obra não há uma superação de toda a filosofia especulativa alemã ou de toda a *ideologia alemã* como pensam alguns, já que “é possível que ele próprio [Marx] ainda esteja, aí [em *A Ideologia Alemã*], mais comprometido com a filosofia alemã e com a ‘ideológica’ esquerda hegeliana, do que geralmente se imagina.” Pois é possível que nessa obra esteja representado “antes um grande esforço de defesa do que propriamente uma demonstração de inquestionável superioridade”, no que diz respeito à ideológica filosofia alemã (SOUZA, 1993, p. 180).

ENGELS, Friedrich. Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã. Trad. Carlos Grifo. Lisboa: Editorial Presença, 1974.

MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. “Comments on James Mill, Eléments d’économie politique”. In: Marx & Engels Collected Works. Vol. 3. Trad. Clemens Dutt. London: Lawrence & Wishart, 1975.

_____. “Teses sobre Feuerbach.” In: *A Ideologia Alemã*. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. Marx: A Teoria da Alienação. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. Filosofia da Práxis. Trad. Maria Encarnación Moya. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. Ciência e Revolução: O Marxismo de Althusser. Trad. Heloísa Hahn. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

SÈVE, Lucien. Análises Marxistas da Alienação. Trad. Madalena Cunha Matos. São Paulo: Edições Mandacaru, 1990.

SHAW, William H. Teoria Marxista da História. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SOUZA, José Crisóstomo de. A Questão da Individualidade – A crítica do humano e do social na polêmica Stirner-Marx. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

_____. “‘Essência Humana’ e Teoria Crítica em Marx.” In: Revista da FAEEBA, Salvador, nº 8, jul./dez. 1997, p. 5-20.